

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE  
JOAQUIM VENÂNCIO

**Juliana Gonzaga Alves Gomes**

**RACISMO AMBIENTAL: um estudo de caso sobre o Complexo de Favelas da Penha,  
no bairro da Penha na cidade do Rio de Janeiro, como “zona de sacrifício”**

Rio de Janeiro

2023

**RACISMO AMBIENTAL: um estudo de caso sobre o Complexo de Favelas da Penha,  
no bairro da Penha na cidade do Rio de Janeiro, como “zona de sacrificio”**

Monografia apresentada à Escola Politécnica de  
Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo  
Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para  
aprovação no Curso Técnico em Biotecnologia.

Orientador(a): Danielle Cerri do Nascimento.

(EPSJV/Fiocruz)

Coorientador: Marcello de Moura Coutinho.

(EPSJV/Fiocruz)

Rio de Janeiro

2023

**RACISMO AMBIENTAL: um estudo de caso sobre o Complexo de Favelas da Penha, no bairro da Penha na cidade do Rio de Janeiro, como “zona de sacrifício”**

Monografia apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Biotecnologia.

Aprovado em \_\_/\_\_/\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Danielle Cerri do Nascimento  
EPSJV/FIOCRUZ

---

Renata Rufino Amaro  
EPSJV/FIOCRUZ

---

Wallace Lopes Silva  
EPSJV/FIOCRUZ

Rio de Janeiro

2023

*Dedico esse trabalho a minha mãe e a minhas  
avós*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha orientadora, que foi um anjo na minha vida, sempre esteve do lado. Agradeço a minha família, amigos que foram fundamentais para que pudesse passar por esses momentos. Mas um agradecimento especial para a minha mãe que sempre me apoia e por todos os momentos que se sacrificou para me ajudar. Te amo, mãe.

*Maria Bomani*  
*“Não queria*  
*militar, mas é que*  
*tá difícil”*

## RESUMO

Este estudo tem como objetivo geral, compreender o Complexo de Favelas da Penha da cidade do Rio de Janeiro, enquanto “zona de sacrifício”, no âmbito da perspectiva do racismo ambiental. E, mais especificamente, problematizar o contexto de racismo ambiental do Complexo de Favelas da Penha; identificar os impactos socioambientais presentes no Complexo de Favelas da Penha da cidade Rio de Janeiro; e, analisar os aspectos sociais mais relevantes do racismo ambiental, ou seja, os seus determinantes sociais, no âmbito Complexo de Favelas da Penha da cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa será realizada com base nos conteúdos sobre racismo ambiental, (in)justiça ambiental e “zonas de sacrifício”, trabalhados no componente curricular “Trabalho Integrado – Agroecologia”, bem como nas aulas de Biologia e Sociologia, respectivamente, no 2º e 3º Anos do Ensino Médio integrado à Habilitação Técnica de Biotecnologia, da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV). O projeto estará baseado em uma abordagem qualitativa e utilizará como procedimento de pesquisa, o levantamento bibliográfico mediante a busca nas bases Lilacs, Scielo e Google Acadêmico, tendo como referência os seguintes descritores: “Racismo Ambiental”, “Complexo de Favelas da Penha”, “Cidade do Rio de Janeiro”, “Zona de Sacrifício”. Além disso, se pretende buscar informações e dados no Mapa de Conflitos envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil, bibliotecas virtuais, documentários, reportagens e entrevistas afins em portais de notícias.

**Palavras-chave:** Racismo Ambiental. Complexo de Favelas da Penha. Zona de Sacrifício.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 - A localização das doze favelas que formam Complexo de Favelas da Penha.....	21
Figura 1 – Imagem da falta de saneamento na Terra Prometida.....	25
Figura 2 – Imagem Densidade Populacional do Complexo de Favelas da Penha.....	26

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10, 11, 12, 13, 14</b>
<b>2.CAPÍTULO1-RACISMO AMBIENTALE SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL</b>	<b>14, 15,</b>
<b>16</b>	
<b>2.1 ZONA DE SACRIFÍCIO.....</b>	<b>16, 17</b>
<b>2.2 BIOPOLÍTICA E O NECROPOLÍTICA.....</b>	<b>17, 18</b>
<b>3. CAPÍTULO2 - FORMAÇÃO DO BAIRRO DA PENHA E O SURGIMENTO DO COMPLEXO DA PENHA .....</b>	<b>19, 20</b>
<b>3.1 COMPLEXO DE FAVELAS DA PENHA.....</b>	<b>20, 21, 22, 23</b>
<b>3.2 ANÁLISE DO RACISMO AMBIENTAL NO COMPLEXO DA PENHA</b>	<b>23, 24, 25, 26</b>
<b>4.CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>26, 27</b>
<b>5.REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28, 29, 30, 31</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O conceito - racismo ambiental pode ser considerado um “subgênero” do racismo. Isto porque, intersecciona a questão racial e a socioambiental, tendo sido criado conjuntamente por Benjamin F. Chavis Jr. e Robert Bullard. Benjamin, além de químico é um ativista que luta a favor dos direitos da população negra nos Estados Unidos da América (EUA); e, Robert, um sociólogo e ativista que também atua em favor dos direitos da referida população (MUSEU DA VIDA, 2022).

Vale destacar que, o conceito supracitado surgiu na década de 1980, em decorrência de uma série de protestos contra um depósito de resíduos tóxicos, no condado de Warren, no estado da Carolina do Norte (EUA). Na época, Robert Bullard, já pesquisava questões relativas à população negra, tendo observado que esta, se encontra frequentemente mais vulnerável a sofrer, por conta de impactos ambientais. Observou ainda, que tal situação não acontecia apenas no seu campo de pesquisa, mas em outras regiões dos Estados Unidos (*idem*).

Os protestos foram motivados em razão da localização dos depósitos que ficavam em regiões de população predominantemente negra, a qual representava somente 20% de todos os habitantes do condado de Warren. Com o passar do tempo, o conceito foi sendo empregado para caracterizar outras comunidades impactadas socioambientalmente, ou seja, as populações vulneráveis compostas pelas chamadas minorias étnicas, principalmente, negras e indígenas (*ibidem*).

Por ser uma questão que afeta uma parcela significativa da população mundial, o foco da pesquisa será voltado para um segmento da população brasileira que é afetada pelo racismo ambiental na cidade do Rio de Janeiro; mais especificamente, a população do Complexo de Favelas da Penha, que está situado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Foi escolhida essa região, por causa da formação populacional miscigenada, oriunda historicamente de diferentes povos ao redor do mundo, o que deu origem à sua diversidade étnica, cultural e socioeconômica (PORFÍRIO, [s/d]).

A cidade do Rio de Janeiro passou em sua história por uma série de mudanças na urbanização da área central, mas a mudança que impactou inicialmente a Zona Norte foi a Reforma Pereira Passos, feita pelo engenheiro Francisco Pereira Passos, o qual foi prefeito da cidade do Rio de Janeiro que até então era a capital do Brasil. Era o começo do século XX e o centro do Rio de

Janeiro era formado por cortiços e “cabeças de porco” (BIBLIOTECA VIRTUAL OSWALDO CRUZ, [s/d]).

O centro era considerado pelo governo municipal e pela elite da época, uma área pouco higiênica e muito propícia à disseminação de doenças contagiosas, tais como febre amarela e varíola. Por conta disso, foram realizadas inúmeras obras de reforma urbana, no centro, com o intuito de transformar a referida área em uma nova “Paris”.

Contudo, o governo Pereira Passos para conseguir realizar as obras, acabou destruindo diversos cortiços e casarios, sem prover nenhuma outra moradia para as pessoas que ficaram sem teto, o que resultou, em grande medida, na migração de um contingente considerável para a Zona Norte do Rio de Janeiro. Com efeito, as pessoas que tinham condições melhores de vida foram para o subúrbio, enquanto as mais pobres subiram para os morros, o que conseqüentemente contribuiu de forma significativa para a formação da região supracitada (*idem*).

A definição de “zona de sacrifício” é algo muito amplo e os critérios para definir esse conceito, variam à medida que o foco do estudo vai se diversificando, mas existem vários critérios que se repetem entre os estudiosos da área. E esses critérios, de uma maneira geral auxiliam na solidificação das características necessárias para uma região ser considerada uma “zona de sacrifício” (VELLASCO, 2015).

Velasco (2015) pontua ainda que, para uma área ser considerada uma zona de sacrifício precisa estar sobre três critérios, o primeiro é caracterizado quando uma parcela considerável de sua população pode ser considerada de baixa renda. Já o segundo, trata do poder de decisão acerca das políticas aplicadas. E, o terceiro e último critério consiste em identificar o nível de exposição a riscos ambientais e, portanto, de saúde coletiva por parte da população em questão.

Quanto ao primeiro critério, se considera o Complexo de Favelas da Penha um lócus de investigação adequado à proposta de um estudo de caso, pois nesse território é possível encontrar uma grande diferença entre a renda de sua população, o que pode ser verificado em seus bairros, por exemplo, no que diz respeito à renda *per capita*, a qual é em média 300 reais. Em relação ao segundo, é possível afirmar que a sua população não tem, em larga medida, poder sobre as políticas públicas implementadas. O Complexo de Favelas da Penha se encaixa no terceiro, pois uma parcela considerável da população não tem acesso a saneamento básico e moram em morros, que tem um

grande risco de deslizamento. A escolha surgiu após uma aula sobre racismo ambiental que foi lecionada por quem hoje vem ser a minha orientadora Danielle Cerri e, pelo meu coorientador Marcello Coutinho, no “Trabalho Integrado (TI) – Agroecologia e Saúde”, componente curricular da Iniciação à Educação Politécnica (IEP). E também, durante as aulas da disciplina – Metodologia de Pesquisa / Projeto Trabalho Ciência e Cultura (PTCC), nas quais foram direcionadas para a escolha do tema, sendo que a autora se recordou das aulas do Trabalho Integrado e de como o assunto tratado foi bastante interessante, o que lhe fez optar por realizar a pesquisa a respeito.

Entende-se que, o racismo ambiental é um fenômeno que afeta milhares de pessoas ao redor do mundo e, a partir das primeiras leituras sobre o tema, a autora descobriu que é estudado consideravelmente no âmbito acadêmico, particularmente, em sua abordagem mais geral acerca da questão socioambiental, a qual está cada vez mais relevante na contemporaneidade.

Contudo, a situação do Complexo de Favelas da Penha, enquanto uma “zona de sacrifício”, ainda é muito pouco explorada por pesquisadores da temática do racismo ambiental.

Pretende-se que, o Complexo de Favelas da Penha, no âmbito da temática supracitada seja mais abordada e divulgada dentro e fora do campo científico. Sendo assim, esse conhecimento poderá chegar naqueles que sofrem mais gravemente os impactos do racismo ambiental, fazendo com essas populações tomem conhecimento a respeito e possam buscar a reversão do problema ou a redução dos danos e riscos, inclusive, à sua saúde.

Compreende-se que, a oportunidade de estudar essa temática, pode contribuir de forma relevante para um processo de maior democratização do acesso conhecimento a ser obtido para o conjunto da sociedade brasileira. A autora vivencia os impactos do racismo ambiental gerados no Complexo de Favelas da Penha, por residir nesse território, fazendo, portanto, parte da sua população que é afetada cotidianamente.

Com efeito, esta é mais uma motivação para estudar a temática proposta, inclusive, por ter a possibilidade de problematizar o referido contexto local, de forma mais concreta e próxima da sua própria realidade.

Com efeito, aqueles com população de menor poder aquisitivo, tais contam com ausência ou ineficácia do Estado em termos de políticas públicas. E, o terceiro, tem a ver, por exemplo, com situações de injustiça climática como as chuvas torrenciais, os deslizamentos das encostas a falta

de saneamento básico e água potável, bem como a instabilidade no fornecimento de energia elétrica (ALVES e PAULA, 2021).

Percebe-se, portanto, um contexto de injustiça ambiental, no que diz respeito à Complexo de Favelas da Penha na Zona Norte da cidade do Rio Janeiro, isto porque, conforme afirma Borunda (2021, [s/p]) “A desigualdade com respeito à exposição ambiental prejudicial é pior para as comunidades pobres e minoritárias.”.

O objetivo geral do trabalho foi compreender a Complexo de Favelas da Penha, enquanto “zona de sacrifício”, no âmbito da perspectiva do racismo ambiental. Já os objetivos específicos foram: problematizar o contexto de racismo ambiental no Complexo de Favelas da Penha; identificar os impactos socioambientais presentes no Complexo de Favelas da Penha, que influenciam os processos saúde-doença nesse território e analisar os aspectos sociais mais relevantes do racismo ambiental, ou seja, os seus determinantes sociais, no âmbito Complexo de Favelas da Penha.

A metodologia da pesquisa se deu com base nos conteúdos sobre racismo ambiental, (in)justiça ambiental e “zonas de sacrifício”, trabalhados no componente curricular “Trabalho Integrado (TI) – Agroecologia e Saúde”, bem como nas aulas de Biologia e Sociologia, respectivamente, no 2º e 3º Anos do Ensino Médio integrado à Habilitação Técnica de Biotecnologia, da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV).

A pesquisa foi baseado em uma abordagem qualitativa e utilizará como procedimento de pesquisa, o levantamento bibliográfico mediante a busca nas bases Lilacs, Scielo e Google Acadêmico, tendo como referência os seguintes descritores: “Racismo Ambiental”, “Complexo de Favelas da Penha”, “Cidade do Rio de Janeiro”, “Zona de Sacrifício”.

Além disso, pretendeu-se informações e dados no Mapa de Conflitos envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil, bibliotecas virtuais, documentários, reportagens e entrevistas afins em portais de notícias. O lócus de pesquisa, antes pensado como todo para o estado do Rio de Janeiro foi delimitado geograficamente, pela banca, na qualificação, para tornar o estudo mais factível.

Nesse sentido, se entende que o racismo ambiental gera impactos na população atingida, sendo possível caracterizar determinados territórios como “zonas de sacrifício” como no caso do Complexo de favela da Penha, em questão.

## **2. CAPÍTULO 1 - RACISMO AMBIENTAL E SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL**

O movimento ambientalista é um movimento sociopolítico e ecológico que tem várias vertentes, uma delas é conhecida como “ambientalistas tradicionais”, a qual prega pela preservação da natureza, dos ecossistemas, e da biodiversidade utilizando parâmetros naturalistas.

A outra vertente abrange os “ambientalistas modernos” que tem uma visão mais social que prega por melhorias básicas para as necessidades primárias do ser humano. Esses movimentos sociais, que têm como preocupação problemas ambientais, são compostos por pessoas brancas, e de classe média. Talvez por serem por pessoas brancas e terem condições financeiras boas, não tinham consciência dos problemas das populações mais pobres não brancas (ALMEIDA, 2016).

Nos últimos anos o nosso modelo econômico, o capitalismo neoliberal, criou narrativas para preservação do meio ambiente e políticas para a diminuição do consumo dos produtos naturais. Mas em contrapartida o principal causador do problema ambiental é a quantidade exorbitante que produzimos. Gerando assim, um consumo desequilibrado das fontes naturais. Além disso, essas narrativas e políticas de mitigação em sua maioria são raras, e tentam esconder os verdadeiros causadores desse problema que são as grandes industriais, o ramo agrícola, a indústria têxtil e entre outros causadores (STRATTNER, 2023).

Nessa ausência da percepção dos indivíduos que representam as classes superiores e do Estado, propositalmente ou não. As pessoas de cor e de situações econômicas desfavoráveis tiveram que se mobilizar para lutar por direitos básicos e comprovar que, os problemas ambientais não afetavam de maneira igualitária todas as populações. Portanto, as populações de cor e que tinham uma renda menor estavam suscetíveis a mais problemas ambientais do que as pessoas de não brancas e de uma renda mais considerável (ALMEIDA, 2016).

O primeiro exemplo dessa movimentação da população não branca ocorreu nos anos 1982, a qual teve como líder e autor do conceito do racismo ambiental o químico e ativista social

Benjamim Chavis, que lutava pelo realojamento do depósito de lixos tóxicos onde eram despejados na região da Carolina do Norte nos EUA.

A área onde ocorria o despejo dos lixos era composta majoritariamente por população negra e pobre, os quais compunham 20% dos cidadãos do estado. Assim é possível verificar de maneira simples que essas pessoas que carregam as características da negritude estão mais suscetíveis a tratamentos ambientais inferiores, deixando de maneira explícita a diferenciação dos tratamentos ambientais destinados a negros e brancos. O que resulta no conceito do racismo ambiental/injustiça ambiental (PACHECO & FAUSTINO, 2013, p. 85).

Quando o caso relatado por Benjamin Chavis veio à tona, foram divulgados outros casos semelhantes, baseados em estudos científicos. Assim, comprovando o que aconteceu na Carolina do Norte não foi uma ação isolada e esse problema pode ocorrer em outros locais. Observando esse conceito a partir da esfera do Brasil, em 2005, a Universidade Federal Fluminense em conjunto ao Projeto Brasil Sustentável e Democrático criaram 1º Seminário Brasileiro contra o Racismo Ambiental. O seminário era composto por pesquisadores da área de estudo, representantes movimentos sociais negros e indígenas e representantes do governo federal.

Tais estudiosos estavam reunidos para debaterem sobre a injustiça ambiental e quais pessoas da sociedade brasileira eram afetadas por isso. Ao fim do seminário chegaram conclusão de que a população negra urbana, a população indígena, a população quilombolas, a população caiçara e além outras populações que estão mais suscetíveis a serem afetadas ambientalmente.

A injustiça ambiental interfere na vida dessas pessoas em vários âmbitos, como a degradação do seu território, a expulsão da sua própria terra em nome do “desenvolvimento” ou são impostos a viverem a margem das áreas urbanas, que são as favelas e periferias. (HERCULANO, 2006)

“No caso brasileiro, poderíamos dizer que desigualdade e exclusão praticamente rimam, em sentido figurado. ‘Maior que’ e ‘menor que’ são mais que meros sinais matemáticos, pois determinam a privação de algo bem mais importante que “determinadas funções”.

A citação acima é uma fala da pesquisadora Tania Pacheco em uma entrevista na qual ela discorre sobre os assuntos justiça ambiental, desigualdade e racismo. E nessa entrevista ela explica de maneira sucinta como esses três tópicos estão interligados.

Estabelecem diferenças que se traduzem de forma contundente: de um lado, uma absurda concentração de riquezas; de outro, a privação, o desrespeito à dignidade, a classificação econômica abaixo da linha da indigência.

Para uns, isso se desdobra num exercício abusivo da noção de cidadania plena; para outros, significa simplesmente a falta sequer da garantia dos direitos básicos, ou seja: a não-cidadania” (PACHECO, [S/D]).

Com essa citação da pesquisadora Tania Pacheco, criadora do Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental da Fiocruz, conseguimos embasar que o Complexo da Penha é um bom campo de análise. Pois, como vai ser debruçado no próximo capítulo essa região tem uma grande diversidade econômica, social e racial, partir da sua formação como local.

## **2.1 ZONA DE SACRIFÍCIO**

Durante o processo de urbanização moderna das antigas colônias, que são consideradas atualmente como regiões periféricas do capitalismo, é admissível constatar a ampla desigualdade socioespacial. Resultando em uma desproporção em relação a exposição aos riscos inerentes, prejudicando uma parcela da população devido à sua disposição no espaço urbano, intra-urbano e não urbano (SILVA & BUENO, 2018).

O conceito zona de sacrifício foi elaborado pelo movimento de justiça ambiental no Estados Unidos, o significado do conceito foi a associação da concentração problemas ambientais em determinada região, desigualdade social e raciais. A expressão é utilizada para demarcar territórios passíveis de sofrerem danos e riscos ambientais, injustiça urbana e ambiental: o planejamento de “zonas de sacrifício”

As zonas de sacrifícios são a personificação da desigualdade ambiental, pois são áreas que são projetadas para serem vulneráveis aos malefícios do não tratamento saudável do meio ambiente. Sendo assim um dos principais demarcadores do racismo ambiental. O perímetro que é elaborado as zonas de sacrifícios são regiões compostas por pessoas com pouco poder decisório em relação as políticas públicas aplicadas para a mitigação dos problemas socioambientais no qual elas estão inseridas (OLIVEIRA, S/D).

Durante o processo de urbanização moderna das antigas colônias, que são consideradas atualmente como regiões periféricas do capitalismo, é admissível constatar a ampla desigualdade socioespacial, resultando em uma desproporção em relação a exposição aos riscos inerentes, prejudicando uma parcela da população devido à sua disposição no espaço urbano, intra-urbano e não urbano (SILVA & BUENO 2018).

Em nome da ideologia eurocentrista de desenvolvimento são selecionados quais habitantes que serão sacrificados em viver em locais insalubres. Com isso reduzindo a qualidade de vida e tempo de vida desses habitantes (OLIVEIRA S/D).

A disposição territorial das zonas de sacrifícios é causada pela elaboração da formação histórica e social que representam a conexão de poder e como o poder atua na junção da sociedade, do território e da natureza. Essa dominação do poder não é somente política, é também a posse subentendida e figurativa dessa simbologia (*Idem*).

Podemos considerar as favelas como um típico exemplo de “zona de sacrifício”, os espaços segregados onde se concentram as maiores cargas ambientais destinadas às populações discriminadas e de baixa renda. As “zonas de sacrifício” são expressões de um modelo de desenvolvimento poluente e concentrador de renda, com um Estado bastante ineficiente em termos de políticas distributivas, sociais e de moradia para as classes populares.

## **2.2 BIOPOLÍTICA E NECROPOLÍTICA**

A segregação surge a partir do momento em que as pessoas com mais poder aquisitivo tentaram se isolar das pessoas mais pobres indo para uma área planejada e desenvolvida. Fazendo assim com que o Complexo de Favelas da Penha se torne um lugar composto por pessoas mais pobres, periféricas e negras, assim taxando essa região com um lugar menos atendido pelo olhar governamental.

Existem vários conceitos na geografia que explicam como o conceito de segregação socioespacial, mas a que melhor representa a segregação que ocorreu na teoria do Hoyt. A teoria do Hoyt explicava basicamente que as casas de alto status ficavam localizados em lugares mais calmos que também era composta por porções de médio status e em locais opostos eram compostos por porções de baixo status (PEREIRA, 2017).

Da biopolítica que essa segregação surgiu, partindo do pressuposto em que a biopolítica/biopoder são responsáveis por gerir a vida da população. O gerenciamento da vida está relacionado a esfera da saúde, a esfera do bem-estar, a esfera da educação, a esfera do seu lugar geográfico e além de todas as outras partes que complementam a vida.

Biopolítica é um mecanismo que estabelece as relações humanas, quem aplica esse mecanismo é poder governamental que tem como objetivo de certa forma “programar” o nascimento, a vida e morte. Muitas vezes essa “programação” vai estabelecer como o indivíduo vai ter percepção da sua vida e como de certa forma ele vai estar cego em frente os principais problemas que os atravessam (PELBART 2007).

A população inerente a essa condição se encontra em um estado similar os zumbis, são basicamente mortos vivo. Vida na qual fica diariamente em contato com morte, resultando em grandes sobreviventes que ficam entre a disputa da vida e da morte. Quem auxilia ter essa percepção é o pensador Giorgio Agambem, o qual diz que a vida é reduzida a vida a sobrevivência biológica, assim resultando em sobreviventes (De Souza, 2021).

E outro conceito que complementa o pensamento da biopolítica é a necropolítica. O termo necropolítica foi um termo cunhado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, onde afirma que existem políticas de mortes que foram aplicadas em pessoas não brancas e agora é aplicada em todas as pessoas da sociedade.

### **3. CAPÍTULO 2 - FORMAÇÃO DO BAIRRO DA PENHA E O SURGIMENTO DO COMPLEXO DE FAVELAS DA PENHA**

Lócus escolhido como objeto de pesquisa é o Complexo de Favelas da Penha localizado no bairro da Penha na cidade do Rio de Janeiro, a qual fica localizada no estado que leva o mesmo nome. Além disso, a escolha dessa região se deu ao contexto de racismo ambiental e injustiça ambiental, foi devido à composição de comunidades que possuem características que tornam possível uma análise comparativa acerca das condições socioeconômicas e estruturais do projeto de cidade que se apresenta.

O bairro da Penha tinha como sua população original os indígenas tamoios que moravam espaçadamente pela costa da Baía de Guanabara, sua população era composta por média 1.500 indígenas. Essa população foi dizimada durante o confronto que ocorreu em 1555 entre Portugal e França, no qual ao tamoio estava dos franceses (MELO, 2022)

Durante o processo de colonização, foram concedidos lotes pelo rei de Portugal e dois grandes lotes significantes para formação do bairro da Penha foram a sesmaria de Inhaúma, que era conhecida como Nossa Senhora de Bonsucesso, que atualmente são os bairros de Bonsucesso, Penha, Ramos e Manguinhos. A outra era a sesmaria de Irajá, que era conhecida como Fazenda Grande da Penha. As duas semearias foram dadas para o capitão Baltazar Abreu Cardoso (FACINA & PALOMBINI, 2016).

A história desse bairro está ligada também a história da A Basílica Santuário de Nossa Senhora da Penha de França, mais conhecida comumente como Igreja Católica Nossa Senhora da Penha. Que foi fundada pelo capitão Baltazar Abreu Cardoso, a igreja teve o início da sua construção em 1655, como a construção da mesma colaborou com o aumento dos habitantes da região. Visto que muitos dos seus devotos obtiveram o direito de poder frequentar as missas a partir de 1670 (ABREU, 1999, p. 145).

Uma figura emblemática na história da igreja foi o padre Ricardo Silva, que atuou da década de 1870 até o início da década de 1901. Um marco sua história ele ter se aliado ao abolicionista José do Patrocínio, a chácara do padre localizada na Penha foi refúgio de muitas pessoas escravizadas. Sua chácara ficou popularmente conhecida como Quilombo da Penha, atualmente o a região desse quilombo é Vila Cruzeiro, uma favela que ficam localizadas. Rolé na Penha: memórias e referências culturais em uma ecologia dos saberes

Com passar do tempo a população foi aumentando gradativamente, mas um grande marco importante para o aumento população local foi a construção da Estrada de Ferro Norte. A Estrada de Ferro Norte tinha como função transportar o gado oriundo da zona oeste para o abatedouro, que ficava na Fazenda Grande da Penha. Esse abatedouro gerou bastante empregos, resultado na permanência de muitos moradores nessa região. A construção dessa linha ferroviária fez com que os bairros tivessem uma maior mobilidade entre si, causando um maior desenvolvimento nos bairros.

### 3.1 COMPLEXO DE FAVELAS DA PENHA

Favela segundo o observatório das favelas, é um território que faz parte da cidade que tem algumas dessas características ou toadas, sendo elas:

- *insuficiência histórica de investimentos do Estado e do mercado formal, principalmente o imobiliário, financeiro e de serviços; - forte estigmatização sócio-espacial, especialmente inferida por moradores de outras áreas da cidade;*
- *níveis elevados de subemprego e informalidade nas relações de trabalho;*
- *edificações predominantemente caracterizadas pela autoconstrução, que não se orientam pelos parâmetros definidos pelo Estado;*
- *apropriação social do território com uso predominante para fins de moradia;*
- *indicadores educacionais, econômicos e ambientais abaixo da média do conjunto da cidade;*
- *ocupação de sítios urbanos marcados por um alto grau de vulnerabilidade ambiental;*
- *grau de soberania por parte do Estado inferior à média do conjunto da cidade;*
- *alta densidade de habitações no território;*
- *taxa de densidade demográfica acima da média do conjunto da cidade;*
- *relações de vizinhança marcadas por intensa sociabilidade, com forte valorização dos espaços comuns como lugar de encontro;*
- *alta concentração de negros (pardos e pretos) e descendentes de indígenas, de acordo com a região brasileira;*

- grau de vitimização das pessoas, sobretudo a letal, acima da média da cidade.

Ao todo são treze favelas que compõem o Complexo de Favelas da Penha, todas estão localizadas nas proximidades ou no bairro da Penha, na Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro. As treze comunidades são: Morro da Fé, Paz, Sereno, Caixa d'água, Caracol, Chatuba, Grotão, Parque Proletário, Vila Cruzeiro, Merendiba, Quatro Bicas, Kelsons e Terra Prometida.

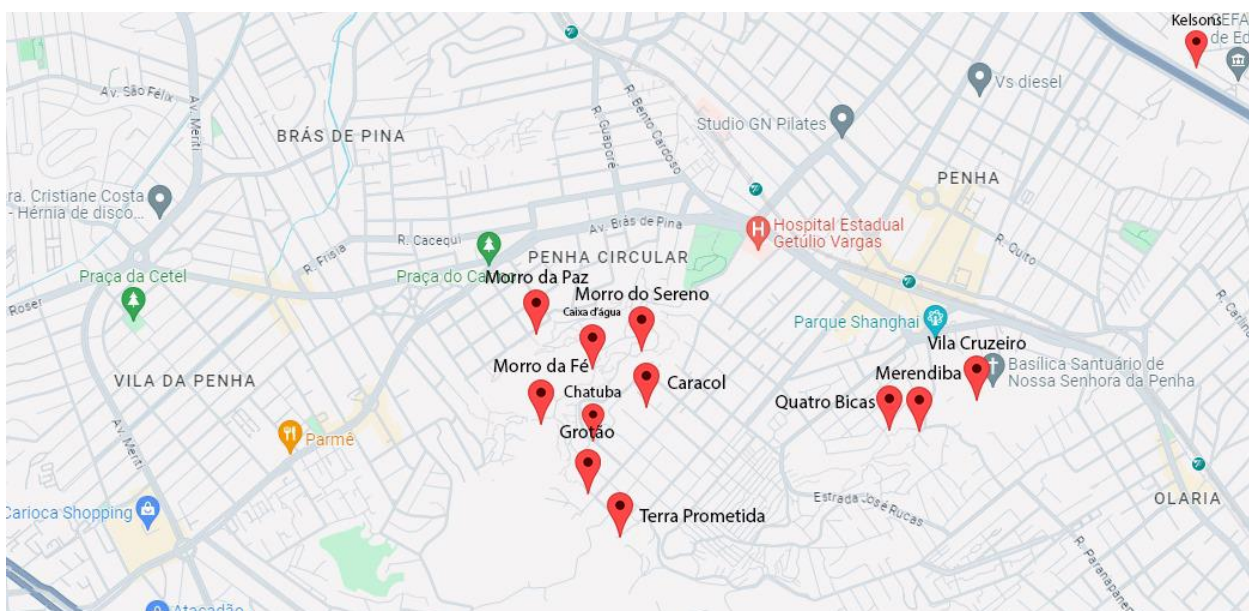


Imagem 1- Mapa 1, A localização das doze favelas que formam Complexo de Favelas da Penha (Google Maps)

Em 1933 existia registros de 140 “casebres” nas ruas que atualmente dão acesso a Vila Cruzeiro. O prefeito Henrique Dodsworth, em 1940 planejou a construção de um vila proletária definitiva, local que já existia a “favelinha da Penha”, a Vila Cuzeiro. Esse local foi cedido pela Igreja Nossa Senhora da Penha, que antes tinha sido cedido para construção de um cemiterio, algo que nunca foi construído. O objetivo da vila poletaria era de recer de 8 a 10 mil pobres que forma retiradas de outas favelas que estivencem no programa de parques poletariados. Em 1943 foram inauguradas 400 casas e o prefeito informou que as outras 1.600 seriam feitas pela Igreja Nossa Senhora da Penha. As 400 casas feitas pelo prefeito foram de alvenarias e as outras 1.600 foram feitas de madeira.

A maiorias das favelas do estado Rio de Janeiro tiveram seu desenvolvimento populacional na década dos anos 60 e 70, mas o Complexo de Favelas da Penha tem sua origem e desenvolvimento na época da escravatura. As pessoas escravizadas que fugiam, se refugiavam nos morros da Penha. Elas faziam isso pois, o padre da Igreja da Penha responsável pelo território era abolicionista e permitia a permanência deles no local. Assim dando origem ao Quilombo da Penha, que após o fim do regime escravocrata o número da população consideravelmente. Atualmente a região que ficava localizada o Quilombo da Penha é conhecida como favela da Vila Cruzeiro. Pela região ser um lugar muito fértil, pessoas de outras regiões se interessaram pela região, com isso nos anos 60 nordestinos e portugueses se mudaram para a região. O nome do Complexo de Favelas da Penha surge em 2010, quando durante ocupação dos agentes militares na Vila Cruzeiro, os portais de notícias nomearam de maneira errada a região.

### **3.2 ANÁLISE DO RACISMO AMBIENTAL NO COMPLEXO DE FAVELAS DA PENHA**

Na cidade do Rio de Janeiro um exemplo mais próximo de “zona de sacrifício” são as favelas. Pois, são locais no qual a população sofre com os problemas ambientais de maneira mais efetiva e desproporcional em comparação em outras regiões da cidade. A população periférica é composta majoritariamente por pessoas não brancas, por pessoas com baixa renda. Nessa situação o Estado opera de forma omissa e muitas vezes sendo ausente nesses territórios, não aplicando políticas de mitigação ou solução para a sobrecarga dos males ambientais. E quando o governo age nessas áreas são políticas de prevenção e não políticas de solução de problemas.

Um exemplo disso no Complexo de Favelas da Penha, na ação que foi feita pela prefeitura nas comunidades Caracolo, Caixa D'Água, Morro da Paz e Sereno, na qual 600 moradores tiveram que passa por um treinamento de como agir quando as sirenes das preferia acionar em momentos de perigo. Os momentos de perigos são quando em 1 hora chuva, chove entre 40 e 55 milímetros. Esses dados são do Jornal O Dia, publicado no dia vinte quatro de novembro de 2023, a reportagem tinha o título: Complexo da Penha tem simulado de desocupação em áreas de risco. Fazendo assim com que as pessoas não possam viver sem preocupação e sem medo. Mas esse problema poderia ser evitado com um bom sistema de drenagem do solo, com carreiras para que não ocorra deslizamento e além de outras medidas que não seria provisória e sim políticas efetivas.

Outro problema enfrentado pela população é falta de saneamento básico, dentro do Complexo de Favelas da Penha na região da Terra Prometida que está localizada no alto Complexo. Além de sofrer com falta de saneamento básico, essa região sofre com as outras faces do racismo ambiental deslizamento de residências e perdas de residências por causa de fortes ventanias. A Secretaria Municipal de Habitação declarou que não tem nenhum de melhoria para essa região. Deixando assim a população a sua própria sorte, tendo ciência que a qualquer tempestade de chuva torrenciais pode ocorrer uma tragédia (FREITAS, 2022).

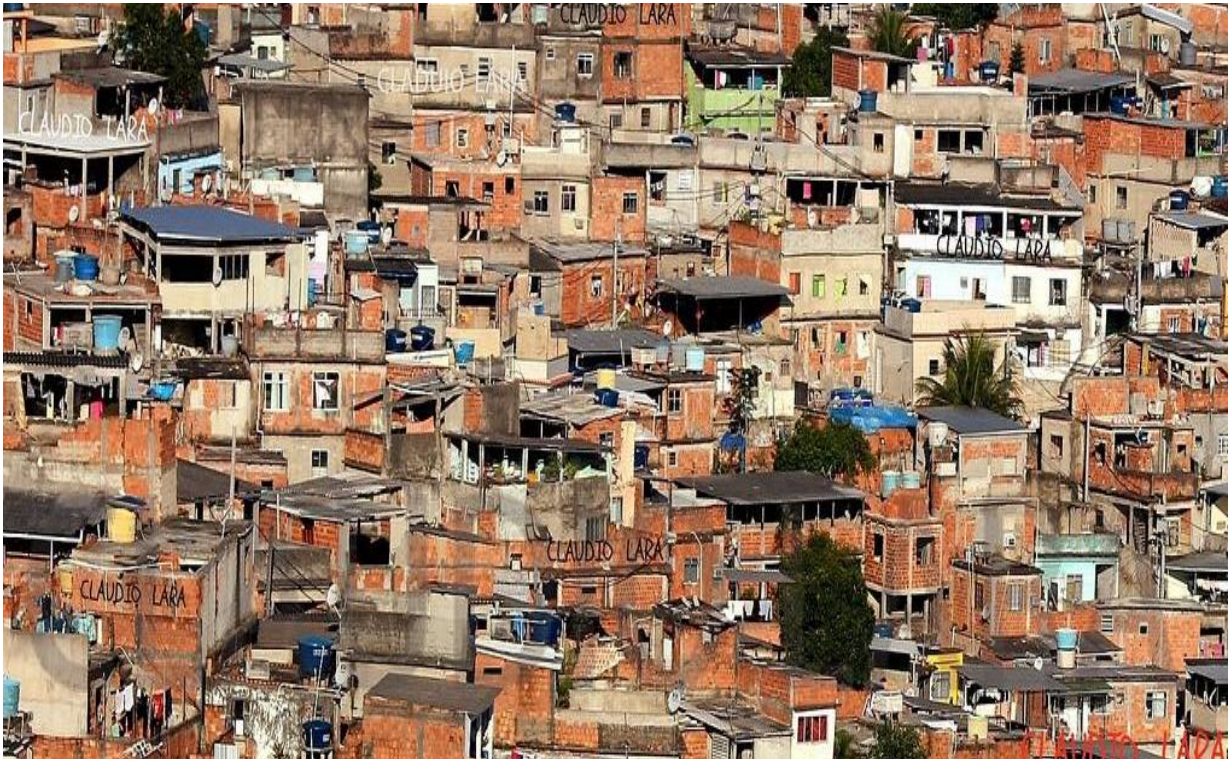
**Imagem 1- Falta de asfalto da Terra Prometida**



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/vozascomunidades/>. Acesso em 27 nov 2023.

A falta de saneamento básico em conjunto com a intensa densidade populacional foram algo marcante durante a pandemia de covid-19, em 2020. Como poderemos ver na imagem a seguir, na figura é possível identificar alta concentração moradias na comunidade no Complexo de Favelas da Penha (BASTOS, *et al.* 2020).

### Imagem 2- Densidade Populacional do Complexo de Favelas da Penha



Fonte: Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/claudiolara/>. Acesso em 27 nov 2023.

A imagem supracitada, de Claudio Lara, em 2009, aponta a situação da comunidade não mudou muito. A população da favela mora em lugar sem a circulação de ar e sem ventilação. Nesse cenário as pessoas que moram nessa região estavam muito mais suscetíveis a contaminação. Pois, caso alguém se contaminasse com o vírus a proliferação da doença seria grande. Visto que muitas

casas moravam mais de três pessoas em moradias que as vezes tinham dois a três cômodos e além da proximidade com outras moradias.

Podemos ver, na prática, o biopoder, na qual o poder estatal se fez de omissor novamente. Que deixa essa população mais suscetíveis a morte, mostrando qual parcela da população merece morrer e quem merece morrer (BASTO *et al.*, 2020).

A maneira mais comum da ação do Estado, nesse local, é por meio dos agentes policiais, que tentam quase que diariamente acabar com os tráficos de drogas nas comunidades. Então, além dos problemas socioambientais o tráfico de drogas serve como pretexto para a ineficácia do Estado. Como Silva 2010 que aponta como a desigualdade social torna as comunidades locais propícias para serem o ponto final do tráfico de drogas. Acabando com a imagem que a população que não mora nas favelas tem sobre o local. E o que também afeta as aplicações das políticas públicas.

Nos últimos anos o Complexo de Favelas da Penha foi alvo de muitas operações policiais, no dia vinte nove de maio de dois mil e vinte e dois ocorreu uma das maiores operações no local. Essa operação foi uma das mais letais dos últimos anos, na qual vinte três pessoas foram mortas durante essa ação (FANTÁSTICO, 2022).

Tavares (2022) compreende que as “zonas de sacrifício” são compostas por desigualdade socioespaciais em conjunto com a segregação residencial e injustiça ambiental, todos esses determinantes em um só local. Com as informações que já observamos no território do Complexo de Favelas da Penha, os três determinantes apontados pelo referido autor, é possível compreender o Complexo de Favelas da Penha como uma “zona de sacrifício”.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do estudo realizado foi identificado, fortemente, a presença de racismo ambiental no Complexo de Favelas da Penha, pois as regiões formadas a partir da segregação socioespacial vão sofrer sempre de forma desproporcional, visto que são locais elaborados para serem a válvula de escape dos problemas ambientais. Um dos principais problemas relatados da região são os deslizamentos de encostas e de moradias e a falta de saneamento básico.

Foi possível compreender o Complexo de Favelas da Penha como “zona de sacrifício”, dado que as ações do poder público na região são paliativas ou não tem nem planejamento de ações paliativas. Como é o caso da área da Terra Prometida na qual uma secretaria que representa a Prefeitura do Município do Rio de Janeiro diz não ter planos para aquela região e nem esboça um possível planejamento para a região.

A identificação dos impactos socioambientais presentes no processo saúde-doença, por falta de saneamento no território que estar ligado as doenças relacionadas ao racismo ambiental. Mas infelizmente não tem dados bibliográficos os suficientes para a construção uma sólida argumentação.

A maior dificuldade de realizar o projeto foi a falta de artigos acadêmicos, de livros e de pesquisa sobre o Complexo de Favelas da Penha. Isso é um reforço a mais sobre o racismo estrutural e o racismo ambiental que a região sofre. Pois, o local é tão negligenciado do ponto de vista como campo de pesquisa, que não tem trabalhos associando o racismo ambiental ao local.

Outro empecilho que teve foi a grande associação da região com tráfico de drogas, operação policiais no local e alto número de mortos nessa região por causa do fogo armado. E por causa dessa insegurança não foi possível tirar fotos ou fazer questionários a população.

Mas o principal foi comprovado o Complexo de Favelas da Penha é uma “zona de sacrifício” e é tão “zona de sacrifício” que é negligenciada, inclusive, pelas áreas de estudos que se detém ao fenômeno racismo ambiental.

## **5. REFERÊNCIAS**

ALVES, G.; PAULA, M. de. *O racismo ambiental e climático nas favelas do Rio*. Publicado em: 03 dez. 2021. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/o-racismo-ambiental-e-climatico-nas-favelas-do-rio/>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

ALMEIDA, D. *Justiça Ambiental e Racismo Ambiental no Brasil*. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, [s. l.], 2016. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/29622/29622.PDF>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

AZEVEDO, A. N. Da cidade escravista à cidade moderna: os limites de um projeto de integração conservadora no Rio de Janeiro entre 1903 e 1906. *Revista de História Regional*, [S. l.], v. 21, n. 2, 2016.

BIBLIOTECA VIRTUAL OSWALDO CRUZ. *Reforma Pereira Passos*. Disponível em: <<https://oswaldocruz.fiocruz.br/index.php/biografia/trajetoria-cientifica/na-diretoria-geral-de-saude-publica/reforma-pereira-passos>>. Acesso em 16 de nov. de 2022.

BORUNDA, A. *As origens da Justiça Ambiental - e por que só agora ela recebe a atenção devida*. Publicado em: 25 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2021/03/as-origens-da-justica-ambiental-por-que-so-agora-recebendo-atencao>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

CUNHA, Marize Bastos et al. O desastre no cotidiano da favela: reflexões a partir de três casos no Rio de Janeiro. *O Social em Questão*, v.18, n.33, p.95-122, 2015.

De Souza Filgueira, AL (2021). Racismo ambiental, cidadania e biopolítica: considerações gerais em torno de espacialidades racializadas. *Ateliê Geográfico*, 15 (2), 186–201. <https://doi.org/10.5216/ag.v15i2.69990>

de Pádua Cavalcanti Bastos, M., da Silva, R., da Silva, E., Bastos, N., Cavalcanti, A., & Cavalcanti, E. (2020). O ESTADO DE EXCEÇÃO NAS FAVELAS: perspectivas biopolíticas a partir da pandemia do covid-19. *Revista Augustus*, 25(51), 113-129. <https://doi.org/https://doi.org/10.15202/1981896.2020v25n51p113>

FAUSTO, B. *HISTÓRIA DO BRASIL*. [S. l.: s. n.], 1995. Disponível em: <<https://blogdorusuca.files.wordpress.com/2012/02/boris-fausto-histc3b3ria-do-brasil.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

FANTÁSTICO. Moradores vivem em meio ao medo na Vila Cruzeiro: 'Não tem uma ação que não deixe um corpo inocente caído no chão' Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/05/29/moradores-vivem-em-meio-ao-medo-na-vila-cruzeiro-nao-tem-uma-acao-que-nao-deixe-um-corpo-inocente-caido-no-chao.ghtml>> Acesso em 01dez 2023

Freitas, A. (2022, 16 de março). Abandono público faz moradores da Terra Prometida enfrentarem os próprios problemas sociais. *Voz das Comunidades*. Disponível em:

<<https://www.vozdascomunidades.com.br/favelas/abandono-publico-faz-moradores-da-terra-prometida-enfrentarem-os-proprios-problemas-sociais/>> acesso em:28 de nov 2023

Grisoski, D. C., & Pereira, B. C. (2020). Da biopolítica à necropolítica:. *Revista Espaço Acadêmico*, 20(224), 199-208. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/48710>

HERCULANO, S. RACISMO AMBIENTAL, O QUE É ISSO? Disponível em: <[https://www.professores.uff.br/seleneherculano/wpcontent/uploads/sites/149/2017/09/Racismo\\_3\\_ambiental.pdf](https://www.professores.uff.br/seleneherculano/wpcontent/uploads/sites/149/2017/09/Racismo_3_ambiental.pdf)>. Acesso em 24 nov. 2023

Lays Helena Paes e Silva, « Ambiente e justiça: sobre a utilidade do conceito de racismo ambiental no contexto brasileiro », e-cadernos CES [Online], 17 | 2012, colocado online no dia 01 setembro 2012, consultado 24 novembro 2023. URL:<  
<http://journals.openedition.org/eces/1123> ; DOI : 10.4000/ eces.1123>

Machado da Silva, L. A. (2010). “VIOLÊNCIA URBANA”, SEGURANÇA PÚBLICA E FAVELAS - O CASO DO RIO DE JANEIRO ATUAL. *Caderno CRH*, 23(59).  
<https://doi.org/10.9771/ccrh.v23i59.19104>

Marques, M. S., & Pereira, T. (2019). Mbembe, Achille. Necropolítica. São Paulo: N-1 edições, 2018, 80p. ISBN 9788566943504. *Mural Internacional*, 9(1), 156–159.  
<https://doi.org/10.12957/rmi.2018.39278>

MELO, H. O bairro da Penha: um diálogo entre História Local e Ensino Básico. Publicado em 2022. Disponível em: <<http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/13593>>

MUSEU DA VIDA. Racismo ambiental: o que é isso? Publicado em: 13 mai. 2022. Disponível em: <<http://www.invivo.fiocruz.br/sustentabilidade/racismo> [HYPERLINK "http://www.invivo.fiocruz.br/sustentabilidade/racismo-ambiental/"-ambiental/](http://www.invivo.fiocruz.br/sustentabilidade/racismo-ambiental/)>. Acesso em: 23 ago. 2022.

MOREIRA, L. *Formação do espaço social suburbano no Rio de Janeiro do início do século XX nas páginas do jornal O Subúrbio*. Univille.br, [s. l.], 18 set. 2013. Disponível em: <http://periodicos.univille.br/index.php/RCC/article/view/551/494>. Acesso em: 25 maio 2023.

PACHECO, T. *Desigualdade, injustiça ambiental e racismo: uma luta que transcende a cor*. Publicado em: outubro de 2007. Disponível em: <<https://racismoambiental.net.br/textos-e-artigos/desigualdade-injustica-ambiental-e-racismo-uma-luta-que-transcende-a-cor/>>. Acesso em 12 mai. 2023.

PACHECO, T; FAUSTINO; C. Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil: o Mapa de Conflito. Editora: Fiocruz, 2013.

Pelbart, P. P. (2007). Biopolítica. *Sala Preta*, 7, 57-66. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v7i0p57-66>

PEREIRA, C.S.S. *O CENTRO DA CIDADE NO CONTEXTO DA ESTRUTURA(ÇÃO) URBANA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA “TEORIA URBANA CONVENCIONAL” E DA “TEORIA CRÍTICA URBANA”*. UERJ.BR, [s. l.], 14 set. 2017. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/25816>>. Acesso em: 31 maio 2023.

PORFÍRIO, F. *Diversidade cultural no Brasil*. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/brasil/a-diversidade-cultural-no-brasil.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2022.

RODRIGUES, R. OS PARQUES PROLETÁRIOS E OS SUBÚRBIOS DO RIO DE JANEIRO: ASPECTOS DA POLÍTICA GOVERNAMENTAL PARA AS FAVELAS ENTRE AS DÉCADAS DE 1930 E 1960 Disponível em:< <https://www.econstor.eu/handle/10419/121676>>

SILVA, M. G. C. F. Algumas considerações sobre a reforma urbana Pereira Passos.urbe. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, n. 11, 2019. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.011.e20180179>.

SILVA, R. BUENO,L. INJUSTIÇA URBANA E AMBIENTAL: O PLANEJAMENTO DE “ZONAS DE SACRIFÍCIO” PUBLICADO: 10 jun 2018

TAVARES, T. R. Da Segregação Residencial à Conformação de uma Zona de Sacrifício na Cidade do Rio de Janeiro. **Espaço Aberto**, v. 12, n. 2, p. 313–329, 2022.

C, B. F. O CONCEITO DE RACISMO AMBIENTAL E AS PERSPECTIVAS DOS QUE SÃO MAIS AFETADOS PELAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS DEVEM INTEGRAR O DEBATE E A LUTA AMBIENTAL POR JUSTIÇA CLIMÁTICA. *Revista de Estudos Anarquistas e Decoloniais*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p.96-123 maio. 2023.

OLIVEIRA, S. MELLO, E. PEIXOTO, MARIA *Zonas de Sacrifício e (In) Justiça Ambiental: Construção de Espaços Marginalizados em Volta Redonda (RJ)* . ([SD]).

O Dia Complexo da Penha tem simulado de desocupação em áreas de risco Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2023/11/6747264-complexo-da-penha-tem-simulado-de-desocupacao-em-areas-de-risco.html>> Acesso em 26 denov 2023

VELLASCO, M. *Santa Cruz como zona de sacrifício: injustiça ambiental no município do Rio de Janeiro*. [Resumo – Relatório]. Departamento de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, p. 1-15, 2015.

([SD]). Com.br. Recuperado em 29 de novembro de 2023, de [https://wikifavelas.com.br/index.php/Complexo\\_de\\_favelas\\_da\\_Penha](https://wikifavelas.com.br/index.php/Complexo_de_favelas_da_Penha)